

# JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

## ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis  
Com estampilha . . . . . 600 »  
Fóra do reino accresce o porte do correio  
avulso . . . . . 20 »  
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

## PROPRIETARIO E EDITOR

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

## PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha  
Anuncios e comunicados . . . . . 50 » »  
Repetições . . . . . 25 » »  
Anuncios permanentes, contracto especial  
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

## A MONARCHIA LIBERAL EM FACE DA REPUBLICA

(1875)

I

As monarchias, rasgadamente liberaes, tolerantes, essas em que não vae occultar-se o despotismo sob as formas da soberania popular, nem um conluio de oligarchas absorve toda a influencia e poder, ainda podem ter muita vida e um futuro; mas é preciso—1.º que a politica se não reduza ás intrigas e rivalidades dos corrilhos, mas se applique seriamente a todos os problemas de interesse geral; 2.º que a simonia do voto não anulle a liberdade tornando o governo representativo um negocio entre os grandes influentes.

Se nos referimos a Portugal, é este ultimo o nosso maior defeito, e a culpa de quem será? do paiz ou do systema?

Mas o dizer-se que as republicas não são adequadas á velha Europa mas só aos paizes novos que se organisaram com ellas, é o que não aceitamos.

A isto responderemos:

1.º Qua as nações onde as republicas modernas se instituíram passaram do regimen monarchico para o regimen republicano, quando aquelle era ainda absoluto, o que augmentava a difficuldade da transição, e esta deve ser mais facil agora que as monarchias são liberaes e democraticas nas suas instituições e tendências.

2.º Que essas nações não eram então mais illustradas das que as d'hoje, como, por exemplo, a Suissa, a Hollanda, e nem mesmo os Estados-Unidos da America.

3.º Que as republicas cahem sempre ao impulso das grandes individualidades militares, ou por uma causa estranha á sua essencia, e não em virtude de um vicio organico do systema.

4.º Que o militarismo é o apoio de todos os governos artificiaes, e que estes não tem o valor que se lhes atribue.

5.º Que a anarchia dos governos ou das corôas, é peor que a anarchia dos povos: que os excessos do poder foram sempre maiores e mais repetidos que os excessos das revoluções, e que nem são comparaveis.

6.º Que os interesses particulares das dynastias são uma das causas mais poderosas do estado insocial entre as nações, tão dispostas hoje a unir-se e a harmonisar-se.

7.º Que as constituições atraiçoadas pelos soberanos tem sido n'este seculo o principal motivo das revoltas.

8.º Que a falta de unidade nos dogmas republicanos é a causa da sua fraqueza: os federalistas e os unitarios precisam de adoptar uma doutrina commum: que os socialistas os prejudicam sempre na opinião das classes superiores.

9.º Que pela acção progressiva e regular dos principios liberaes se hão-de resolver muitos problemas relativos á questão social sem ser necessario recorrer a uma transformação violenta da ordem existente.

10.º Que não é por falta de illustração que as republicas não duram mas por falta das institui-

ções adequadas e necessarias á sua conservação. Se os Estados-Unidos se a Suissa, permanecem, sob aquella fôrma de governo é porque desde o começo se preveniram com um systema federalista, que obsta á centralisação do poder, e ao predomínio militar.

11.º Toda a influencia do presidente da federação americana nada pode contra essa organisação politica, e na Suissa substituido por um conselho prova que não é indispensavel, e que as nações até mesmo escusam os presidentes.

O exercito lançou Isabel 2.ª fóra de Hespanha. Veio depois um principe occupar o throno vago a convite de um general. Entretanto o partido republicano cresce, e os conservadores, vendo-se obrigados a combinar-se com os seus adversarios, obrigam o rei a renunciar á corôa.

A republica é aceita com entusiasmo por todo o paiz e por todas as auctoridades civis e militares.

D'ahi a pouco os federalistas, os socialistas, e os unitarios, dividem o poder, desorganisam e descontentam o exercito na hora em que precisavam d'elle; e a necessidade da sua reorganisação veio a ser a morte publica.

E' sempre a espada a decidir das nações, dos governos e das dynastias.

E' sempre o instincto das classes inferiores, e o espirito do seculo, que julgam as instituições sob o ponto de vista dos direitos e interesses geraes, e a reagirem e a protestarem contra a força, mas incapazes de uma longa resistencia.

E' sempre essa parte da sociedade, que só deseja a ordem material, a apoiar como agora todas as restaurações monarchicas como se a monarchia mais do que a republica evitasse as revoluções e as divergencias e lhe assegurasse mais venturas.

Mas apesar de tudo as nações se vão de per si transformando e não é apertadas nos circulos das corôas que ellas se desenvolvem mais, adquirem mais acção, vida e movimento.

As republicas unitarias a este respeito são inferiores aos imperios descentralisados: não havendo garantias contra o poder accumulado no centro são facéis os golpes de estado, acha-se tudo disposto na organisação politica para essa mudança de scena em que o presidente se converte em monarcha.

Assim pois é prudente, é melhor não tocar na corôa dos reis liberaes, se não é possível por emquanto fundar as republicas com instituições descentralisadoras, e com a vitalidade e força precisas para resistirem e subsistirem.

O corrigir os vicios das monarchias moderadas devêra ser antes o empenho dos bons cidadãos, que o lançar-se na aventura das revoluções intempestivas.

Na paz e no socego vae-se fortalecendo o espirito civil, e os principios liberaes produzindo as suas naturaes consequencias; mas se ha luctas, revoltas, visto precisar-se então da força, é este o elemento que se engrandece e predomina.

Deixemos pois á civilisação progressiva o crear ella mesmo as ideias e as instituições que me-

lhor lhe convierem; é melhor obter pouco a pouco e de um modo diffinitivo do que tentar uma revolução duvidosa ou sem exito, e que quasi sempre só serve para dar força aos principios contrarios, e retardar o progresso.

Quando o systema descentralizador fôr uma verdade nas instituições, e no modo de ser da existencia politica, o throno se aproximará da cadeira do presidente até quasi se confundirem.

II

Desde que uma instituição se discute, está em via de perder o seu credito, o seu prestigio—a critica é dissolvente—convem áquellas, que se julgam necessarias, se não dê motivo, nem pretexto a serem mal vistas na opinião geral.

Discutir os actos do rei nas duas camaras, e da maneira affrontosa, como ha pouco succedeu entre nós, violando-se um artigo essencial da Carta, é dar um golpe na monarchia.

Os deputados republicanos não podem julgar-se independentes das leis reguladoras da assembleia da qual *aceitaram fazer parte*.

Pode ser completa a sua independencia nos comicios—alli o comportamento, que ha dias tiveram, foi um abuso, e a repressão inevitavel.

Bem se percebe, que os adversarios da corôa visam a um effecto sancional nas turbas—aproveitaram uma boa occasião, mas exageraram a violencia da censura, cujo objecto se não revestiu da clareza precisa, para justificar a sua acrimonia—foi incorrecta e precipitada—as vagas declarações do sr. presidente do conselho não auctorisaram uma attitude tão aggressiva.

Além do ruido pouco obtiveram-se. O resultado é unirem-se mais as fileiras dos defensores da monarchia, por ora indispensavel á nossa independencia.

Corrija-se em tudo a administração—trate-se de resolver os problemas da fazenda—cuide-se da agricultura e do commercio—zelem-se as relações da metropole com as colonias, e conserve-se a ordem existente.

A mudança de formas politicas nada remedeia.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

## A VOLTA DA "IRMÃ,"

Chama-nos a «irmã» maliciosos e massadores, porque transcrevemos parte da sessão da camara municipal de novembro de 1904, em que se deliberou dar gratuitamente a um cidadão do Porto o terreno do logar do Baldim, facto que tinha precedentes, visto a «Varina» terem sido dados tambem extensos areas.

Não temos que penitenciar-nos pelos dois peccados, de que somos accusados, porque limitámo-nos a transcrever textualmente o que se encontra na acta, e se lá se faz referencia á «Varina» não temos nós d'isso a culpa.

Mas se presumissemos, que a transcripção de tal referencia affligia a «irmã», da melhor vontade a teriamos omitido, porque mes-

mo injustamente, magoa-nos de veras a accusação de maliciosos, porque andamos sempre na melhor das boas fés.

Assim foi que parecendo-nos que a Camara de 1904, unicamente levada pela informação do seu presidente, praticara um acto de pessima administração, dando gratuitamente a um individuo estranho ao concelho, o largo do Baldim no Furadouro, trouxemos esse facto a publico, para que fosse justificado, quando possível, pelo seu responsavel.

Effectivamente appareceu a defeza, mas tão desastrada, que nos doe a alma de, involuntariamente, sermos a causa de tal fracasso.

Diz a «irmã» que o Baldim era um tremedal ou pantano; que para o arrazar eram necessarios 200\$000 reis, e assim dando-o gratuitamente com o encargo da terraplanagem, equivalia a dalo por aquella quantia; que tal deliberação era muito vantajosa para a Camara; que a sua não approvação pela estação tutelar resultou da informação contraria da auctoridade administrativa, que fez politica do caso.

Se assim fosse o cessionario do terreno era um benemerito, que merecia, não dizemos uma estatua, mas outra manifestação mais modesta, por parte do povo de Ovar.

Mas vamos por partes. O largo nunca foi um pantano, e apenas em occasiões de cheias pesadas juntava aguas no meio, que para ahi andam d'outros sitios.

E sendo assim, não abrindo esgoto para essas aguas logo que fosse feita a terraplanagem resultaria que ellas iriam aglomerar-se n'outros pontos.

Essas aguas nunca causaram damno ás casas ou palheiros, e não era com o fim de favorecer esses proprietarios, que a camara de 1904, queria arrasar o Largo.

Era necessario pagar finezas.

O interessado mostrou interesse em possuir terrenos no Furadouro, queria ter ahi um chalet, e como não houvesse dividas para dar uma grande area, tambem não as devia haver para dar uma pequena.

Mais ou menos jantares, mais ou menos conferencias amistosas e o pretendente que é um habil diplomata para negocios, conseguiu illudir o então presidente da camara, que por seu lado com toda a boa fé, illudiu os mais vereadores.

Eis o caso. Foi um acto mau da camara, mas manda a verdade que se diga e nós o proclamamos bem alto, que o então presidente foi na rede, porque mal e indevidamente se convenceu de que fazia um acto de boa administração.

Foi um erro que praticou, mas em que qualquer cahia perante tão poderosas sugestões empregadas por habil artista, a quem elle não conhecia taes habilidades.

Immensos logros vimos nós praticados diariamente, e de que são victimas os mais afinados.

Por esta razão e por conhecermos de sobejo o ex-presidente que, fazendo justiça reconhecemos que elle foi logrado na sua boa fé em dar gratuitamente o Largo do Baldim.

E a boa fé d'elle é igual áquelle com que fallamos, e se da nos-

sa não podemos duvidar, tambem não duvidamos da d'elle.

Ha um ponto, porém, em que não podemos nem devemos estar d'accôrdo.

O ex-presidente é pessoa dotada de excellentes dotes intellectuaes e com certeza já reconheceu que havia sido ludibriado, e n'estas circumstancias, era-lhe mais airoso confessar o seu peccado e prometter arrependimento.

Bem sabemos que a vaidade se oppõe a uma retracção; porém em face das confissões espontaneas que ultimamente tem feito os politicos de alto estofa do nosso paiz dos peccados graves que outr'ora commetteram, mostrando um arrependimento sincero tambem o nosso accusado que é politico *d'alto lá com elle*, devia dizer *poenitet me peccati*.

Não o quer assim e por isso simplesmente é que o censuramos.

A razão d'este nosso pensar é obvia.

Elle sabe muito bem que o mesmo terreno que elle d'ava de mão beijava foi ultimamente alienado pela Camara por quantia superior a 100\$000 reis fazendo os compradores a terraplanagem, pois do contrario não podiam edificar cazas como edificaram.

Desappareceu, pois o mal da inundação recebendo a Camara dinheiro.

Desappareceu o tal pantano ou tremedal.

Mas o que ficou simplesmente e que nós lamentamos foi o acto mau do ex-presidente e esse é que constitue um verdadeiro *tremedal*.

Pergunta-nos a «irmã» por diversas deliberações da camara e sentimos não lhe poder satisfazer o seu desejo.

Nós somos acoimados pela «irmã» de maliciosos, mentirosos, etc.

Nestas circumstancias, não mostra confiança em nós e como tem mais quem, com conhecimento de causa, lhe possa satisfazer a curiosidade, para lá a mandamos.

Mas, não querendo dever favores, tem meio de saber tudo, querendo pelas vias competentes.

## LITTERATURA

### OS GRANDES POETAS MODERNOS

(1872)

LORD BYRON

I

O scepticismo, não aquelle que vem de reflexões philosophicas, mas de uma impressão dolorosa da existencia, a ironia propria de um espirito despresador das convenções sociais, e em revolta contra o destino humano, o orgulho de uma individualidade forte e indomita, o gosto um pouco affectado pelos caracteres excessivos, que mesmo no crime e no remorso conservam uma grandesa inflexivel e sombria, a tristeza que se gera do

isolamento e da falta de afeições a que as almas sensíveis aspiram sempre, o desdem, o desespero a par do entusiasmo por uma liberdade sem limites, o dandysmo unido a mil caprichos, os desejos de um coração delicado, mas enfermo, e magoado por injustissimas calumnias, o descontentamento apesar dos amores felizes, da gloria, e dos triumphos litterarios, os incantos da imaginação commovida de tudo quanto é bello e das grandes scenas da natureza, mas ás vezes perturbada ante os seus mysterios, taes são os elementos de que se compoz a vida moral d'esse grande poeta, a qual se reflectiu toda nas suas inspirações e nos seus cantos.

## II

Motivos da vida particular em que foi infeliz, sua mãe de um genio acre e irritavel, e que o não amava, o desconceito geral dos Byrons, precedentes escandalosos, como o ter um de seus tios morto em duello o seu proprio irmão, seu pae roubado uma menina que se finou de pezar, indifferença com que foi acolhido á sua primeira entrada na sociedade ingleza e na vida publica, affectaram a indole sensível e desesperada do joven Byron, que não tinha as qualidades precisas para se rehabilitar na opinião prevenida, e fazer-se absolver por ella.

Quando ainda infante, sua mãe, que n'um momento d'irritação o deixára cair dos braços, fel-o coo para sempre. Este accidente influiu poderosamente na sua vida.

Desde a infancia os soffrimentos do orgulho, que uma criança mui precoce, como Byron foi, não tardou que sentisse, e as grandes e bellas paysagens da romantica Escossia, onde passou os seus primeiros annos na abbadia de Newstead, desenvolveram ao mesmo tempo o seu carater tão pessoal, que já mais se desprende de si, e o seu talento de poeta.

Ainda não tinha dezoito annos quando publicou algumas poesias, que intitulou versos de um menor; a critica apoderou-se d'elles sem moderação nem piedade. Nada mais foi preciso para que as immensas faculdades do grande poeta se despertassem e o fizessem sobressahir a todos os seus rivais e contemporaneos. Mas respondendo com a satira—Os criticos escossezes e os poetas da Inglaterra—indispoz contra elle todas as celebidades litterarias do seu paiz.

Ao tomar assento na camara dos lords nenhum amigo, ou inimi-

go, nem mesmo d'entre os seus parentes, que alli tinha muitos, quiz servir-lhe de intruductor e padrinho, como era uso. A impressão d'esta scena não publica e desconsiderante feriu-o no intimo d'alma como era d'esperar. Além d'isso não foi bem succedido em dois discursos; o joven orador escutado friamente não conseguiu impressionar aquelles espiritos positivos dos homens d'estado de Inglaterra.

## III

Por tudo isto resolveu abandonar a sua patria, e seguir um destino isolado, excepcional, ao qual ia conformar-se, uma vez que a fama do seu nome, e a adoração do seu genio o acompanhasssem como um brilhante cortejo. Tal é o impulso que leva ao isolamento os homens superiores a quem injustas contradicções desviam de uma carreira regular.

Byron detestava a Inglaterra gerarchica, monotona e grave, cheia de frios despresos, convencional, egoista e indifferente, orgulhoso do seu nome, que via sem prestigio, irritado contra os seus, que desconheciam n'elle o grande e raro talento que era, contra a opinião que profiava em denegril-o e em attribuir-lhe qualidades e crimes de que a sua indole estava mui distante, obrigado a um exilio voluntario, a sua existencia se colorio de odios caprichosos que são os filhos naturaes de um espirito forte contrariado nas suas aspirações legitimas.

Tal é o fundo de sentimento em que vae exercer o seu talento de artista. O poeta viaja pela Europa e do seu isolamento moral o contempla o mundo, sensibilisa-se diante dos seus monumentos e tradicções, procurando um alivio ás dôres que o consomem. Ne que elle generalisa e motiva. No Childe-Harold vê-se o despreso pelos homens que dominam e por aquelles que se deixam dominar, o entusiasmo pelas virtudes heroicas, a paixão da natureza, a ironia do destino humano, a piedade de um nobre coração que se recorda das cidades mortas e se impressiona com a sorte das nações, suas tristezas, e alegrias.

A ironia elevou-a quasi a um principio, a um modo de vêr o universo: n'ella está um dos caracteres mais intimos do seu genio, no qual a uma audacia cheia de preocupações phantasticas se unia uma sensibilidade profunda que a philosophia não guiava, mas assás intuitiva para se elevar a certas impressões geraes que são a alma dos seus poemas.

Desde a publicação dos primeiros cantos de Childe-Harold foi Byron considerado um dos maiores poetas de Inglaterra e collocado a par de Shakespeare.

## IV

No poema *D. João* apparecem a indifferença leviana, a mobilidade d'espirito, a sensação exquisita e delicada, o escarneo dos heroes, e da tirania, a licença livre e feliz affrontando o mundo, o divino na belleza sensível, a satira das hypocrisias universaes, a misantropia sceptica, a pintura de scenas violentas e horriveis no meio das narrativas d'amor, e das zombarias de máu gosto e triviaes por acinte e para maior contraste: mas a sua ironia é triste e encaminha-se ao desespero: em Byron o cynismo aparente encobre a dôr. Em *Manfredo*, que é da familia de Renê, de Werther, de Obermann, de Fausto, e ainda parente do Prometheu d'Eschilo, ha uma luta grandiosa do pensamento com o crime e o remorso, que lhe absorveram o incanto da vida das ambições e dos prazeres; as potencias invisiveis, que invoca no desespero, representam a fatalidade inexoravel, a negação da piedade, e a indifferença pelos soffrimentos humanos.

Byron, espirito vehemente, com poucas ideias, mas com muita paixão, sentindo uma civilização que vae morrer com as suas instituições, crenças e costumes, acha um vacuo na existencia, que elle enche de ironia, de duvida, de sarcasmos, e de desalento, que nada do mundo consola, e que se enraivece e desvaira; Byron foi o creador d'uma poesia sublime que tinha uma tendencia profundamente critica e negativa, um revolucionario na transição da velha para a nova sociedade: o seu estilo mesmo é original e novo, ainda que n'ella se conheça a influencia dos estudos classicos: as ideias e emoções concentradas em phrazes rapidas, a variedade de pensamento, os periodos sem transição, que augmentam o effeito, correspondem á violencia e á agitação do estado moral, que elle descreve, e que não é mais que a expressão d'elle mesmo, do seu interior, das suas opiniões, das suas lembranças, das suas colleiras, dos seus desgostos.

## V

Ha duas especies de litteratura: uma, academica e imitadora, artificial, que reproduz bem ou mal os typos classicos, e sujeita

aos moldes de uma dada epocha tida por modelo as creações de uma civilização posterior e portanto diversa: outra, original, que se inspira e anima das ideias e vida propria da sua epocha, que renova o estylo e as formas de linguagem, e na variedade de seus productos deixa vêr a indole particular dos escriptores. Lord Byron pertence a esta ultima. Para ajuizar-se d'um poeta como o illustre lord é preciso analysar a raça em que nasceu, as relações do seu espirito com as ideias dominantes e o meio social em que se educou, e os elementos que entram na composição da sua nacionalidade. Este processo critico restitue á litteratura o seu valor e significação historica, e mostra, como e quanto n'ella influe a vida real de cada epocha.

(Continua.)

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

## CHRONICA D'ESMORIZ

«Oh! o marco do mar!!»

(Continuação)

Prosigamos. O snr. Abbade Lima tomou posse desta freguezia em principios de Julho de 1905 e presidiu á primeira sessão da sua Junta de Parochia em 6 desse mez. Nessa sessão foi-lhe apresentado pelos collegas um officio da Junta de Cortegaça em que ella, respondendo a outro que tinha recebido da d'Esmoriz, concordava em irem as duas corporações á Costa, no dia 10 desse mez, para vêr se podiam resolver amigavelmente a velha questão do marco do mar. Foram. Nesse dia,ahi por volta das 10 horas da manhã, reuniram-se no areal que fica na frente do palheiro do snr. Marques Reis, não só as duas Juntas de Parochia, mas tambem algumas das pessoas mais gradas das suas respectivas freguezias.

Abriu a sessão o snr. Abbade de Cortegaça, começando por... censurar em termos desabridos os d'Esmoriz que se opposeram a que fosse por diante o accordo por elle feito com o snr. Abbade Pinheiro!! Este exordio assombrou os d'Esmoriz e o caso não era para menos... Pois iam alli para accordarem amigavelmente uma contenda e aquelle que devia ser o primeiro a abri-lhe um caminho de rosas, tapetava-lh'o de espinhos!!... Em vez de os receber, já não dizemos amavelmente, mas

correctamente recebia-os com pedras na mão e quasi chegava a... insultal-os!! que vinha aquella verrina, disseram os d'Esmoriz entreolhando-se?

Que queria dizer aquella attitude assanhada e rabiosa do snr. Abbade? E veio-lhes então á memoria a recordação de que, já um dia, alli fôra uma das suas Juntas insultada, faltando pouco para ser espancada e por causa... da mesma questão.

Agora... parece que as cousas iam enveredando pelo mesmo caminho... mas o jogo desoobria-se...

Não queriam resolver a questão por meios brandos. Queriam enredal-a, protela-la até poderem conseguir a realisação, não dos seus direitos, mas dos seus desejos e da sua cubiça insaciavel de... areias... para se approximarem da nossa estrada do mar... Todavia a falta de tactica, de estrategia era manifesta. Com insultos, e oburgatorias... nada poderiam conseguir.

A pilula para ser engulida precisava de ser adoçada...

Chegassem a braza para a sua sardinha, mas não por maneiras tão descabelladas. Com vinagre não se caçam moscas. E depois, era preciso não se mostrarem tão gulosos... e combaterem a sua insaciabilidade, porque muitas vezes quem tudo quer... sem nada fica, como diz o rifão. D'ahi o mau effeito que ent e os d'Esmoriz causou o destrambilhado e verrinoso discurso do Sr. Presidente da Junta de Cortegaça. Quando S. Rev.<sup>a</sup> terminou, o Sr. Abbade d'Esmoriz disse que estava ha 10 dias na sua freguezia e que por isso nada ou quasi nada poderia saber da questão que se debatia. No entanto que, não desejando ir para aquella conferencia ás cegas, pedira a dois octogenarios da sua freguezia para o acompanharem. Que esses homens conheciam a Costa d'ha mais de 50 annos para cá e nella residiram, na qualidade de guardas fiscaes, durante mais de 25. Que momentos antes lhes perguntara se conheciam o marco no seu tempo e se podiam precisar-lhe o sitio, onde elle estava.

Que fora affirmativa a resposta que lhe deram, accrescentando elles que nas freguezias d'Esmoriz, Cortegaça e Maceda havia pessoas que o conheciam bem e podia indicar, pouco mais ou menos, o local, onde elle estava.

Que nestas circunstancias a questão se resolvia facilmente, metendo-se o marco, onde essas

## FOLHETIM

## NOITES DE CORINTHO

por Deby

## Os Serões de Lais

## VI

Terminarei esta primeira parte com alguns detalhes a respeito d'uma escrava, que, ligada a Alcibiades por gratidão o acompanhava nas phases da sua vida,—Sabia d'uma orgia nocturna com alguns libertinos, quando encontrou nma rapariga chorando, sentada no limar da casa de Phrynys, a cortezã.

—Vendo-a, disse, quem é assaz barbaro para fazer chorar tão bellos olhos?... Que fazes ahi, minha formosa creança?

—Phrynys, de quem sou escrava, bateu-me e expulsou-me.

—Olá! Phrynys, gritou logo Alcibiades, declarando o seu nome, abres-me a tua porta?

A porta abriu-se, e o elegante bando entrou em casa da cortezã.

—Como, Phrynys, tu que eu julgava tão bôa, ousaste bater n'uma timida creança?

—E' uma tola, que eu comprei muito cara, e que mal me obedece.

—Já devias saber, Phrynys, que te não convem o pudor que é tão natural á sua idade.

—Ah! oh! tu moralisas, filho de Clinias?... tu mesmo esqueces que a orgia desbotou as rosas da tua coroa?

—O nome d'esta rapariga?

—Timandra.

—Por quanto a compraste?

—Duzentas minas.

Dou-te quinhentas (uns oito contos e quinhentss mil reis)

—E' tua.

—Timandra, d'hoje em diante, és livre dá o teu coração áquelle que souber agradar-te, e que o teu amor seja a tua felicidade.

—Ati; para sempre o meu coração e o meu amor, porque, só tu comprehendes a amargura da minha condição.

Alcibiades levou-a, e Timandra reconhecida se lhe dedicou até á morte.

Algumas linhas sobre a elegancia e coquetismo do filho de Clinias. A sua riqueza no trajar, o seu bom gosto, e elegante porte passaram em proverbio. Foi quem primeiro fez a barba e se frisou; era quem servia de modelo aos jovens athenienses. Andava sempre rodeado d'amigos da sua idade que procuravam imital-o, quer no vestir, quer nas maneiras; era generoso até a prodigalidade; nada lhe custava para se tornar fallado, de tal sorte que dissipou loucamente a fortuna que seu pae havia adquirido á força de trabalho. Os companheiros que lhe seguiam o exemplo

davam motivo a questões familiares.

Todas as vezes que saia de casa se vestia de diferente modo; de manhã via-se com um apparatuso manto, sapatos enfeitados com cigarras d'ouro; algumas horas depois reaparecia de tunica branca com franja de púrpura e renda tecida a prata; um leve manto azul celeste guarnecido a galão d'ouro lhe cahia a desdem pelas espaduas; usava sandalias com tirinhas vermelhas e bordaduras de filigrana. Ao meio dia novo manto, nova tunica, e novo calçado. A tarde, o seu trajar tinha alguma cousa de guerreiro, botinas, tendo como ornato uma cabeça de leopardo; o manto preso no hombro esquerdo, deixando a descoberto uma rica tunica ornada d'ouro e prata. Penteava-se com todo o esmero; os seus cabellos cahiam em aneis; todas as manhãs vinha frisal-o um babil cabelleireiro e os perfumava, o que fez dizer a Antisthenes que Alcibiades trazia a loja d'um perfumista na cabeça.

Quando se fazia o cerco de Potida, onde o filho Clinias era um dos combatentes, inventurou-se, em Athenas, seu guarda vestidos, de que eis o extracto:

Dez mantos ou chlamydes de côrtes e côres diferentes; quinze tunicas mais e menos valiosas, tendo cada uma particular feitiço; quarenta e cinco pares de calçado,

alguns de grande valor pelos seus enfeites d'ouro e pedrarias; trinta pares de polainas; dez chapeus tanto para verão como para inverno; cintos de todas as cores, aneis, pulseiras, alamares, etc, etc.

Foi encontrada uma tão consideravel quantidade d'objectos de toilette que a mais rica e coquete das cortezãs os teria invejado.

Alcibiades reunia em si todos os contrastes; era o mais elegante mancebo, o mais faustoso, e, como veremos, o mais adorado, o mais forte e á coragem juntava uma excessiva actividade; era sem duvida o mais notavel de toda a Grecia.

## SEGUNDA PARTE

Carreira politica d'Alcibiades, actos brilhantes; revezes; exilio e morte.

Logo que Alcibiades começou a tratar de negocios politicos, não quiz dever o bom exito á sua magnificencia e liberalidades, mas á sua eloquencia e coragem. O arrojo que lhe inspirou o sentimento da sua superioridade, o fez um orador impassivel, um homem d'Estado de recursos engenhosos, e um excellent general.

Nos seus diversos empreendimentos e logares elevados a que subiu, empregou, ora a rasão e a justiça, ora os embuste e a perfidia

Os traços de inconstancia, de friolidade, e de imprudencia da sua juventude desapareciam nas circunstancias graves. Então mostrava a fria prudencia d'um velho e a actividade do homem no apogeu do seu vigor.

Depois da morte de Pericles, arrebatado pela horrivel peste que desimou a população d'Athenas, tentou apoderar-se do mundo que seu tio exercia, mas as numerosas irregularidades da sua mocidade lhe suscitaram muita opposição do partido aristocratico. Todavia soube fazer-se amar e sujeitar o povo á sua vontade.

Sempre occupado em desempenhar o primeiro papel na republica oppor—e ao tratado de paz projectado por Necias para acabar a guerra do Peloponesio.

(Continua.)

C. M

## ERRATAS

Onde se lê—Ejeusis, deve ler-se—Eleusis. Onde se lê—Chirias—deve ler-se—Clinias. Onde se lê—do Pericles—deve ler-se—de Pericles. Onde se lê—pavores—deve ler-se—favores.

peças indicassem. Que estava ali um dos octogenários de que se fizera acompanhar e que, se os presentes davam licença, elle fallaria e os illucidaria a todos sobre o caso. Era o Sr. José Agostinho Gradim, guarda fiscal aposentado que viveu no posto fiscal d'Esmoriz mais de 25 annos e conhece aquelles areiaes d'ha mais de 50 para cá. Este senhor adeantou-se para falar, mas logo ás primeiras palavras o Sr. Antonio Marques Cantinho, regedor de Cortegaça, interrompeu-o com modos bruscos e mesmo com palavras insultuosas, obrigando-o a calar-se. Não restava duvida... Os homens não queriam saber a verdade.

Convinha-lhes enredar tudo, embulhar tudo... para melhor attingirem os seus fins. A attitude do Sr. Cantinho tendo por antecedente a do Sr. Abbade; não queriam dizer outra cousa. O jogo tornava-se cada vez mais claro e mais franco. Se os velhos falassem, elles apontariam o sitio, onde estava o marco, mas como isso não lhes convinha... insultavam, berravam, enredavam tudo para cançarem os adversarios e levarem nos a aceitar... o que elles quizessem.

O Sr. Abbade d'Esmoriz, percebendo isto disse que, ao vir para alli lhe affirmara alguém que vinha perder o seu tempo, porque nada conseguiria por bem dos de Cortegaça. Só se quizesse dar-lhes tudo, e por isso que se deixasse a Junta de Esmoriz de pannos quentes e procurasse afirmar e reivindicar os seus direitos pelos meios legais ou administrativos. Que não quizera acreditar que assim fosse, mas pelo que acabava de ver se via forçado a reconhecer que esse alguém tinha razão e que nesse caso só lhe restava um caminho a seguir, e era retirar-se com os seus companheiros... e retiraram-se...

Continuaremos...  
Zé Petinga.

## Boletim Elegante

Estiveram entre nós os Srs. Luiz de Mello Freitas Pinto, d'Agueda e Caetano Luiz Veiga, da freguezia de Vallega, d'este concelho e distincto empregado do «Crédit Franco-Portugais» no Porto.

Fez annos, no dia 13 o sr. Manoel Antonio Lopes, dig.<sup>mo</sup> regedor d'esta freguezia d'Ovar. As nossas felicitações.

Vindos de Lisboa, chegaram a esta villa os nossos sympathicos amigos e conterraneos os srs. Francisco e Antonio d'Oliveira Gomes.

## NOTICIARIO

### Pesca

O producto total da pesca, na costa do Furadouro, desde janeiro até 30 de Novembro, é o seguinte:

Companhas	Importancias
Bôa-Esperança . . .	17:6438815
S.º do Soccorro . . .	14:8758155
S. Pedro . . . . .	14:0668300
S. Luiz . . . . .	13:6838045
<b>Total Rs.</b>	<b>60:2688315</b>

## Santa Luzia

Realisou-se, na Igreja Matriz, d'esta villa, quinta-feira finda, a festividade a Santa Luzia, constando e cumprindo-se integralmente o programma que annunciaremos. De manhã, ás missas primeira e segunda, a «Tuna Estrella Polar» fez-se ouvir, executando

trechos do seu distincto repertorio, que agradaram muito.

A missa conventual, acompanhada a grande instrumental pela famosa orchestra «Ovarense», subiu ao pulpito, ao Evangelho, o rev.<sup>mo</sup> Padre Borges, d'esta villa, que preferiu um discurso correcto, causando optima impressão no auditorio; e por esta occasião a orchestra executou primorosamente a sublime «Aria da opera Foscari».

De tarde houve arraial, tocando, n'um vistoso coreto, a banda «Ovarense» alguns numeros de varios e distinctos auctores, sobresahindo «As viagens do Gama» e «Moleiro d'Alcalá».

A Igreja achava-se ricamente decorada, produzindo maravilhoso effeito a caprichosa disposição de tropheus, bandeiras e ramos de palmeira, pelo que enderessamos sinceras felicitações ás incansaveis, briosas e sympathicas mordomas.

Para o anno seguinte foi nomeada a commissão composta dos seguintes srs:

Abbade Alberto d'Oliveira e Cunha, Miguel Pereira da Fonseca Lopes, Antonio d'Oliveira Ramos, Augusto da Costa e Pinho, Domingos Pereira da Fonseca Lopes, Manoel Antonio Lopes Junior, João José Tavares e das Ex.<sup>mas</sup> Srs.<sup>as</sup> Anna d'Oliveira Gomes, Maria Lopes Fidalgo, Deolinda d'Oliveira Bunifacio, Joanna Pereira de Carvalho, Maria José, Rodrigues Praça, Anna d'Oliveira Lyrio.

## Theatro

Representou-se no domingo, a magica «O Genio do Amor» e na quinta-feira, a comedia em tres actos «O Genro do Caetano», uma cançoneta pela actriz Carmen d'Oliveira, fechando com uma operetta muito engraçada.

Hoje sobe á scena o sensacional drama «O José do Telhado», em cinco actos.

## Novenas

Principiam, hoje, as novenas em honra do Menino Deus, na Igreja Matriz.

## ATROPELLAMENTO

No domingo passado, na rua da Graça, uma creança foi atropellada por um carro, ficando levemente ferida na cabeça.

O cocheiro, que guiava o trem, nenhuma responsabilidade deve ter, porquanto, a creança correu para o carro inesperadamente e sem que o cocheiro a visse.

Era bom que os paes fossem mais cuidadosos e diligentes em não deixarem sahir para as ruas especialmente em ruas de grande transito como a rua da Graça, os filhos, para não haver a lamentar casos como o referido.

## R

Concordo com o que dizes. Aguardemos. Coragem sempre.

Teu Bombeiro.

## AVISO

Avisamos os nossos Ex.<sup>mos</sup> assignantes de que em vista de o antigo distribuidor d'este jornal, deixar de estar ao nosso serviço, fica authorisado a tratar da distribuição e outros serviços do mesmo jornal, Manoel Simões Bazilio — o Hespanhol.

## Machina para fumar

Pode parecer á primeira vista, que não é este um objecto de necessidade absoluta, pois que não é pequeno o numero de pessoas sempre dispostas a fumar um cigarro ou charuto ainda mesmo não sendo de primeira qualidade. A machina em questão, porém, foi imaginada e utilizada pela repartição technica especial, o «Bureau of Plant Industry», dependente do ministerio da agricultura, como principal objectivo de estudar experimentalmente os diversos typos de charutos e fumo, seu aroma, rapidez de combustão, etc.

A machina é bastante curiosa é mais ou menos complicada: antes de tudo é indispensavel um orgão para manter «na bocca» o charuto, sobre o qual umas tantas succões methodicas e alteradas devem ser produzidas; um mecanismo servirá para fazer com que essas succões continuem-se a operar com intervallos regulares, exactamente como se o charuto estivesse na bocca de um fumante não mechanic. Quatro charutos são experimentados simultaneamente; são collocados sobre quatro embocaduras de vidro, que lembram bem o formato das classicas piteiras. Estes tubos de vidro curvam-se em angulo recto e penetram atravez uma rolha de cortiça, em uma garrafa, indo terminar abaixo do nivel do liquido n'ella contido. Segundo tubo liga esta ultima, a uma outra garrafa, e communicase por um tubo em forma de tua um aspirador constituido por um recipiente nutrido de um syphão. Um terceiro tubo eleva-se da segunda garrafa e transporta a fumaça retirada por aspiração. Cada charuto é collocado em frente a um anteparo perfeitamente branco, de modo a formar facil e rapida a comparação entre as cinzas, assim como entre as fumaças.

E de ver que a fumaça accumulada por uma primeira «bafurada» no aspirador, e d'ahi repellido pela chegada de certa porção de agua proveniente de um reservatorio «ad hoc», sem, entretanto, ser lhe possivel voltar para o charuto, em virtude da agua da primeira garrafa, que forma uma especie de valvula de parada; o syphão entra em jogo e evacua rapidamente o aspirador, e d'ahi a producção da desejada aspiração que fuma o «charuto».

Eis, em termos tão claros quanto é possivel, a machina para fumar charutos que, parece, tem provado bem, pelo menos até agora. Cumpre confessar que é uma combinação realmente divertida, apezar de seu caracter perfeitamente sério e circumspetto!

## ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MUTUOS

Effectuou-se no passado domingo a eleição dos corpos gerentes d'esta Associação para o proximo anno de 1907, saindo eleitos os seguintes associados.

### ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, D. João Maria Lopes  
Vice-presidente, Antonio Augusto d'Abreu

### DIRECÇÃO:

Presidente, Antonio Valente d'Almeida  
Vice-presidente, Fernando Arthur Pereira  
Secretario, Manuel Augusto Nunes Branco  
Vice-secretario, Carlos Ferreira Malaquias  
Thesoureiro, Amadeu Peixoto Pinto Leite  
Vogaes, Francisco Maria d'Oliveira Ramos, Francisco Pinto Catalão  
Supplentes, José Pereira dos Santos, Manuel Antonio Lopes

## CONCELHO FISCAL:

João José Alves Cerqueira  
Manoel Gomes Pinto  
Francisco de Mattos  
Silverio Lopes Bastos  
Antonio Rodrigues Faneco  
Supplentes, Antonio Ferreira, Antonio Manuel André Redes

## CAMARA MUNICIPAL D'OVAR

### Dotes do legado Ferrer

Perante a camara municipal d'este concelho, acha-se aberto concurso por espaço de trinta dias, a contar d'amanhã, 29 de Novembro, para a adjudicação de dois dotes, de 100\$000 reis cada um, a outras tantas orphãs, pobres e honestas d'esta villa, conforme uma das disposições do reverendo Manoel Eleano Gomes Ferrer, que esta camara tem de cumprir.

As condições em que hade ser feita a respectiva adjudicação, acham-se patentes na secretaria da camara, onde tem de ser entregues os documentos das concorrentes aos referidos dotes.

Ovar, 28 de Novembro de 1906.

O Presidente da camara.

Joaquim Soares Pinto.

## José da Costa Raymundo

Sub-chefe fiscal encarregado do serviço do real d'agua n'este concelho d'Ovar.

Vem novamente avisar todos os individuos que vendem generos sujeitos ao imposto do real d'agua n'este concelho, para apresentarem na repartição de fazenda até ao dia 28 do corrente mez, as suas propostas de avença, devidamente assignadas, para o 1.º trimestre do anno de 1907, devendo effectuar-se o seu pagamento até ao dia 3 do proximo mez de Janeiro.

## Edital

José Ferreira Marcellino, Bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra, administrador da Camara d'Ovar, etc.

Faço saber que, por espaço de 20 dias, contados da data do presente edital, se acha aberto concurso para o provimento de cobertores de lã da serra, enxergas completas, lençoes de panno cru e sustento dos presos pobres, que deram entradas nas cadeias d'este concelho e comarca durante o futuro anno de 1907; que na secretaria d'esta administração estará patente todos os dias uteis desde as 9 horas da manhã até ás 3 horas da tarde as condições da arrematação approvados pelo Ex.<sup>mo</sup> Ministro dos Negocios Ecclesiasticos e da justiça, e que as propostas deverão ser feitas em cartas fechadas e serão abertas findo o prazo respectivo, nos termos dos art.<sup>os</sup> 145 e seguintes do decreto de 21 de setembro de 1901 A administração do concelho d'Ovar 11 de dezembro de 1906. Eu Manoel Gomes dos Santos Sequeira, amanuense, que o escrevi no impedimento do secretario respectivo.

José Ferreira Marcellino.

## AGRADECIMENTO

O abaixo assignado agradece penhoradissimo a todos os seus Ex.<sup>mos</sup> amigos, que, espontaneamente, se dignaram concorrer com o seu obulo para a subscrição em seu favor, e protesta-lhes o seu eterno reconhecimento.

Ovar, 14 de dezembro de 1906.  
Francisco de Pinho da Graça.

## Alfaiateria

GUILHERME CORREIA DE SA

LARGO DA PRAÇA

OVAR

## Aos nossos assignantes

Avisamos os nossos Ex.<sup>mos</sup> assignantes de que vamos proceder á cobrança do 1.º semestre.

Pedimos portanto a fineza de satisfazer os seus debitos afim de nos evitar novas despezas do cor

## Aos caçadores

Antonio da Cunha Farraria participa que acaba de receber directamente de Liège-Belgica, um variado sortido de espingardas e seus accessorios, para differentes preços.

—Pede portanto ao respeitavel publico, a fineza de ver a sua fina qualidade e bom gosto que decerto todos confirmarão.

Garante-se a qualidade e modicidade de preços, que são mais razoaveis do que os de qualquer casa do Porto, no genero

Rua da Graça

OVAR

Antonio da Cunha Farraria

## Parte d'uma companhia de pesca

Manoel d'Oliveira Manarte vende a sua quarta parte da companhia da S.º do Soccorro.

Quem pretender dirija-se ao mesmo

## Palheiro

Vende-se um, na praia do Furadouro ao norte, da Capella Nova e que foi de Francisco Pinto Luzerna.

Para tratar, dirigir a João Pacheco Polonia.

## A Estação

Jornal illustrado de Modas para Senhoras publicando annualmente:

24 numeros de 8 paginas, illustrados com mais de 2000 gravuras representando artigos de toilette para senhoras, roupa branca, vestuarios para crianças, enxovaes, roupa branca e vestuarios para homens e meninos, atalhados, objectos de mobilia, adorno de casa, etc. todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco e a matiz a ponto de marca, de ornatos, costura ou renda, pontos em claro sobre renda, cambria ou filó, renda irlandeza, bordado em filó, crivos — todo o trabalho de tapeçaria, tricôt, crochet, frivolité, guipure, ponto atado, renda de bilro — flores de papel, panno, pennis, finalmente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto que lhes fica junto clara e minutamente descreve e explica todos esses desenhos, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de numerosos monogramas, iniciaes e alphabets completos para bordar em relevo ou a ponto de marca, 200... les pelo menos, em tamanho natural, completados, segundo as necessidades com moldes reduzidos indicando claramente a disposição das partes de que se compõe o modelo e mais de 400 desenhos de bordado branco, matiz, soutache, etc. Cumpre notar-se que essas folhas são comparadas ás de qualquer outro jornal são-lhes muito superiores, pois que em igual superficie publicam tres ou quatro vezes mais material.

36 figurinos de modas, coloridos primorosamente a aguarella por artistas de merito em formato igual ao do jornal

Para prova da superioridade incontestavel d'ess.ª publicação e verificação de que realmente os seus 24 numeros e 12 folhas de moldes contém maior quantidade de modelos do que outro qualquer jornal de modas, enviar-se-ha gratuitamente um numero specimen a quem o pedir por escripto.

Assigna-se em todas as livrarias, e na de ERNESTO CHARDRON — Porto. Principia no dia 1.º de qualquer mº

PREÇO EM TODO O REINO:

1.º anno . . . . . 4\$ 000  
6 mºs . . . . . 2\$ 500  
Numero avulso . . . . . 300



# TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

## MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

**RUA DE L. CHRISPIM, 18A 28**

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

**PORTO**

### ESTAÇÃO FRIORENTA

#### OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

VICTORINO TAVARE LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a casa dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

#### SAL

Pelo preço dos outros negociantes, vende-se no lugar da Poça.

Manuel Ferreira Dias.

#### ALFAIATARIA DA MODA

Abel Guedes de Pinho, participa ao respeitavel publico d'Ovar, que abriu uma alfaiateria no Largo da Praça n.º 46 d'esta villa, encarregando-se de fazer toda a obra concernente á sua arte para o que está habilitado, responsabilizando-se pelo seu bom acabamento; tambem faz varinos ou gabões pelo systema d'Aveiro, o que executa com a maxima perfeição, visto ser filho d'um dos primeiros artistas d'Aveiro, e d'onde trouxe a melhor pratica.

Espera portanto, do respeitavel publico a fineza de o auxiliar na sua industria, pelo que muito reconhecido fica.

Depois da quadra d'estio,  
Em que a gente andava a arder,  
Entrámos agora no frio;  
E o que havíamos nós de fazer,  
Se não nos valesse o Luzio?...

C'o... nariz sempre a pingar,  
Quando, pois, ninguem julgava  
De a isto vir a chegar,  
Quem elle então acalmava  
Tem que agora acalorar.

Deixae-me portanto dizer,  
A vós meninas com brio:  
—Não vos deveis esquecer  
D'entoar «Gloria ao Luzio!»...  
Que é quem vos hade... aquecer.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

**ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO**

#### MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possivel aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender  
Azeitona d'Elvas a 220 réis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

### Aos Caçadores

Grande e variado sortido em espingardas centraes e de vareta, clavinias, revolvers, pistolas e todos os artigos concernentes. Grande variedade em polvoras pyroxiladas taes como a Schultre, Empire, Coop-pal, Ballistite, Canonite, E C, Rottweiler, Regina e Horrido. Preços sem competencia.

Visitae o

**BAZAR DOS CAÇADORES**

R. SANTO ANTONIO, 40—Porto.